

## 5

### Conclusão

Kanner (1943), ao realizar a primeira descrição clínica do autismo, sugeriu que as crianças autistas nasciam desprovidas da capacidade humana inata de estabelecer o contato afetivo com as pessoas. Faltaria a estas crianças fatores essenciais para que elas pudessem desenvolver a reciprocidade social e afetiva com os outros.

A questão é que até os dias de hoje não se sabe como os prejuízos afetivos podem de fato estar à frente das dificuldades nas interações sociais, dos padrões anormais da comunicação incluindo a linguagem e, dos déficits na capacidade simbólica e na vida imaginativa, prejuízos característicos dos casos do transtorno do espectro autista.

Neste contexto, discutiu-se no capítulo 2 a importância da afetividade para o desenvolvimento típico da capacidade simbólica. Foi abordado como é fundamental levar em conta três processos complementares que contribuem para tal desenvolvimento.

O primeiro deles é a questão básica que se refere à capacidade inata dos seres humanos de se conectarem e formarem laços emocionais e sociais desde o nascimento. Sobre esta base, as interações sociais diádicas se estabelecem e, neste processo intersubjetivo primário é possível observar o desenvolvimento de comportamentos comunicativos afetivos tais como: contato ocular, expressões corporais, sorriso social, atenção ao outro, vocalizações. As trocas destas expressões emocionais que ocorrem entre a mãe e o bebê servem para regular o afeto e a excitação dos parceiros, podendo ser observadas numa cadeia rítmica de ações contingentes, antecipatórias e recíprocas. Trevarthen (2001) e Stern (1992) consideram que a comunicação afetiva é o principal assunto das protoconversas típicas da fase primária da intersubjetividade, o que possibilita conceber a capacidade simbólica como não sendo meramente uma competência lingüística.

Isto se confirma quando, a partir dos 9 meses, o bebê é capaz de compartilhar suas intenções com o outro ao coordenar a atenção conjunta e/ ou o afeto conjunto com o uso de gestos e sons. Durante as relações triádicas,

características da intersubjetividade secundária, os comportamentos comunicativos pré-simbólicos são expressos pelo bebê nas cenas de atenção conjunta (Tomasello, 2003). O contexto intersubjetivo mãe-objeto-bebê é fundamental para o desenvolvimento da capacidade simbólica. Segundo Bates (1976, 1979), quando as ações e vocalizações espontâneas do bebê dão início ao processo de ação-reação dos comportamentos intersubjetivos, que ocorrem entre ele e a mãe em relação a um objeto ou evento, é possível que as ações naturais dos bebês se transformem, através de ritualizações, em gestos intencionais e estes em símbolos ou fala referencial.

A comunicação intencional é marcada, por exemplo, quando o bebê usa o apontar imperativo como meio para afetar o comportamento da mãe atingindo um objetivo específico. Ou, quando o bebê quer apenas buscar a interação social com o outro ao usar o gesto declarativo para chamar a atenção para o seu foco de interesse. No entanto, a capacidade simbólica só está presente no desenvolvimento da criança quando ela utiliza uma palavra para se referir a contextos diferentes, sinalizando o processo de descontextualização (Bates, 1979).

Em suma, todo este processo de desenvolvimento da capacidade simbólica só pode se constituir porque desde o início, mãe e bebê se conectam afetivamente através das experiências intersubjetivas marcadas pela sintonia afetiva (Stern, 1992). A qualidade dos afetos e dos sentimentos sutilmente expressos entre a mãe e o bebê é percebido por ambos os parceiros e, desta maneira, o processo intersubjetivo é estabelecido dando suporte e base para o processo do desenvolvimento simbólico.

Hobson (2002) postula que as relações interpessoais são o berço do pensamento simbólico. O início da vida imaginativa de uma criança pode ser percebido pela capacidade de referenciação social (Hobson, 1993b). A criança pequena reflete os sinais de que compreendeu, através da conexão afetiva com um parceiro social, que as situações e/ ou objetos podem ter diferentes significados afetivos para diferentes pessoas. Uma expressão desta capacidade é o jogo de faz-de-conta no qual a criança atribui diferentes significados aos objetos fazendo de conta, por exemplo, que um martelinho é um telefone.

Porém, como visto no capítulo 3, desde a fase da intersubjetividade primária as crianças autistas demonstram falhas em se conectarem

intersubjetivamente com o outro. Este prejuízo no contato afetivo traz implicações para o desenvolvimento da intersubjetividade secundária e, portanto, há um prejuízo nas habilidades da atenção conjunta e na capacidade simbólica. Como demonstrado, os comportamentos afetivos precursores que poderiam evidenciar o padrão típico do desenvolvimento simbólico ocorrem de maneira empobrecida ou não estão presentes devido a falhas na conexão intersubjetiva. Por exemplo, as desordens na interação social são demonstradas por contato ocular empobrecido, falta de sorriso social, atenção aos estímulos sociais empobrecida, aversão ao contato físico, poucas respostas afetivas às atitudes emocionais do outro (Adrien, Faure, Perrot, Hameury, Garreau, Barthelemy & Sauvage, 1991; Adrien, Lenoir, Martineau, Perrot, Hameury, Lamarde & Sauvage, 1993; Osterling & Dawson, 1994; Baranek, 1999).

As protoconversas características da intersubjetividade primária parecem não se caracterizar por expressões de regulação mútua entre o bebê autista e o seu cuidador. De acordo com a pesquisa desenvolvida por Trevarthen e Daniel (2005), a gêmea autista e o pai não estabeleceram um formato sincrônico de conexão intersubjetiva que pudesse demonstrar nem a sintonia afetiva nem uma forma comunicativa inicial.

Outros sinais precoces do autismo podem ser percebidos pelas dificuldades destas crianças em compartilhar os estados sócio-afetivos e em fazer uso da comunicação pré-verbal. A partir dos estudos discutidos no capítulo 3, verificou-se que estas falhas interferem diretamente no processo intersubjetivo primário e secundário, na atenção conjunta e, conseqüentemente, no desenvolvimento do símbolo (Snow, Hertzig, Shapiro, 1987; Yirmiya, Kasari, Sigman & Mundy, 1989; Dawson, Hill, Spencer, Galpert & Watson, 1990; Maestro, Muratori, Barbieri, Casella, Cattaneo, Cavallaro, Cesari, Milone, Rizzo, Viglione, Stern, & Palácio-Espasa, 2001). Logo, os déficits na atenção conjunta, considerados como marcadores do autismo, podem estar associados às dificuldades em compartilhar os estados afetivos com os outros.

Embora tenha sido possível encontrar na literatura dados quantitativos em relação aos comportamentos sociais, aos comportamentos comunicativos não-verbais e verbais e aos comportamentos afetivos das crianças autistas, existiu uma lacuna na tentativa em compreender como é a qualidade das interações sócio-

afetivas das crianças autistas estando elas em relação com o outro. Além disto, poucas pesquisas investigam como os sinais precoces do autismo podem influenciar no desenvolvimento da capacidade simbólica.

O estudo da influência da afetividade para o desenvolvimento típico da capacidade simbólica, das dificuldades manifestadas pelas crianças autistas e o questionamento sobre a qualidade das relações interpessoais destas crianças impulsionou a realização desta pesquisa.

A importância de investigar como ocorre a conexão afetiva das crianças autistas é poder diferenciar os comportamentos sociais destas crianças, que podem ser modelados através de programas de intervenção, dos comportamentos de engajamento e conexão afetiva. A dificuldade das crianças autistas é na expressão e na compreensão dos seus sentimentos e dos sentimentos dos outros. Enquanto que modelar o comportamento destas crianças, apesar de ser um árduo caminho, é uma tarefa alcançável.

A hipótese levantada nesta pesquisa foi de que uma vez estando as crianças autistas inseridas em um contexto interativo permeado por trocas intersubjetivas, seria possível observar aspectos qualitativos sutis da expressão da conexão afetiva entre criança e terapeuta.

Logo, três situações que deram origem a cinco cenas distintas foram desenvolvidas para a análise da interação da criança com a terapeuta. Acredita-se que o contexto é a base para a interação social e conexão afetiva, processos fundamentais para o desenvolvimento da capacidade simbólica e da linguagem. A situação machucado foi selecionada especificamente para analisar se e como a criança autista se identificaria com o sentimento do outro. A partir da análise das situações machucado, verificou-se que as crianças típicas expressaram preocupação diante o sentimento de dor da terapeuta. Entre as crianças autistas, pode-se dizer que F manifestou maior desconforto ao sentimento de dor de T do que An. O comportamento de F foi mais similar ao das crianças típicas. F tentou dar o martelinho de volta a T, martelou por ela, sinalizando expressão de preocupação. An se mostrou irritado, deu gritos e choramingou, mas não se pode afirmar se o seu desconforto foi em relação a sua falta de interesse no jogo ou se estava relacionado ao sentimento de dor da terapeuta.

Após a análise quantitativa das categorias discretas que abrangeram os comportamentos sociais, os comportamentos comunicativos não-verbais e verbais e os comportamentos afetivos revelados entre o grupo das crianças com DT e o grupo de crianças TEA, concluiu-se que as crianças com DT demonstraram estar seguindo o padrão típico do desenvolvimento enquanto as crianças TEA revelaram dificuldades quantitativas nas áreas social, comunicativa e afetiva.

Embora os comportamentos característicos da fase da intersubjetividade primária não tenham sido investigados diretamente, os resultados parecem demonstrar que as crianças com DT seguiram este processo do desenvolvimento de acordo com as teorias apresentadas anteriormente (Stern, 1992; Trevarthen, 2001). Isto se justifica uma vez que as cenas de filmagem de ambas as crianças típicas foram realizadas de acordo com o contexto estabelecido entre os parceiros. Sendo que, todas as situações envolviam o compartilhar da atenção, da intenção e do afeto entre criança e terapeuta em relação a um objeto ou evento, comportamentos característicos da intersubjetividade secundária (relações triádicas). Pode-se concluir que os precursores das relações triádicas foram percorridos no processo do desenvolvimento das crianças DT. Além disto, o resultado da análise quantitativa da frequência total dos comportamentos comunicativos indicou que a capacidade simbólica está presente no desenvolvimento das crianças típicas. Outro fator que merece ser destacado é que estas crianças apresentaram com frequência as categorias afetivas em todas as cenas, além de terem revelado o comportamento de imitação e de jogo de faz-de-conta espontaneamente.

A análise qualitativa das crianças típicas mostrou que tanto B quanto Ca estabeleceram com a terapeuta as categorias de regulação mútua e de sintonia afetiva em todas as cenas de análise. A partir destes dados, pode-se concluir que a tanto a díade B e T quanto a díade Ca e T se conectaram intersubjetivamente e afetivamente em situações de interação triádica. Este resultado parece sugerir que a conexão afetiva permitiu que as trocas sócio-comunicativas entre criança e o outro pudessem acontecer. Além disto, parece que o desenvolvimento das habilidades simbólicas e do pensamento é permeado pela forma como as crianças se conectam afetivamente com o outro, conforme proposto por Hobson (2002).

A partir da análise quantitativa das crianças autistas, foi possível perceber que elas apresentaram menos comportamentos sociais, comunicativos e afetivos quando comparados com as crianças típicas. Além disto, percebeu-se uma diferença qualitativa quando tais comportamentos foram expressos. Por exemplo, direcionaram menos o olhar à terapeuta, dirigiram menos a sua atenção à atenção do outro, pareceram demonstrar maiores interesses por estímulos não-sociais, mantendo o olhar vago ou direcionado aos objetos, sorriram com menor frequência, mantendo expressões faciais esvaziadas, neutras ou rígidas, com poucas expressões de afetos positivos. Este resultado foi igualmente assinalado por estudos apresentados anteriormente (Adrien, Faure, Perrot, Hameury, Garreau, Barthelemy & Sauvage 1991; Adrien, Lenoir, Martineau, Perrot, Hameury, Lamarde & Sauvage 1993; Osterling & Dawson, 1994 ; Baranek, 1999). Os resultados na frequência dos comportamentos sociais manifestados pelo grupo TEA parecem sugerir a dificuldade das crianças autistas desta pesquisa em compartilhar o olhar, o sorriso, a atenção e o interesse com o outro.

Comparando-se os resultados dos comportamentos comunicativos revelados entre An e F, percebeu-se que An apresentou dificuldade em manifestar comportamentos pré-simbólicos (gestos) e simbólicos (palavras/ frases) quando comparado com F. F revelou comportamentos pré-simbólicos (gesto declarativo) e, apesar de ter apresentado o padrão de fala ecológica, a capacidade simbólica parece estar presente no seu desenvolvimento. F demonstrou um prejuízo pragmático da linguagem, revelando o prejuízo no uso social da fala, característica universal das crianças com TEA (Wetherby, Schuler & Prizant, 1997; Bishop & Nurbury, 2002; Bishop, 2003).

Através da análise quantitativa dos comportamentos afetivos revelados pelas crianças autistas, percebeu-se que An se expressou afetivamente com mais frequência do que F. No entanto, nenhuma destas crianças revelou o comportamento de referenciação social.

Pôde-se concluir através da análise quantitativa dos comportamentos apresentados pelas crianças autistas que, apesar de existirem diferenças na frequência de seus comportamentos, tanto An quanto F revelaram maiores escores nas cenas C3 e B5. Estas cenas foram consideradas como cenas de interação diádica, pois criança e terapeuta não compartilhavam o interesse/ intenção/ afeto

por um objeto ou evento. Logo, parece que, ao contrário das crianças típicas, as crianças autistas demonstraram maior interesse por situações que não envolveram cenas de atenção conjunta. Talvez este resultado possa sugerir a dificuldade destas crianças em compartilhar com o outro sua atenção em relação a um objeto.

Logo, as crianças com autismo parecem ter dificuldades na fase da intersubjetividade secundária e, portanto, precisariam percorrer a fase primária da intersubjetividade para que os precursores da comunicação afetiva pudessem se desenvolver.

Embora esta análise das crianças com autismo tenha revelado que ambas demonstraram prejuízos quantitativos em relação aos comportamentos sociais, comunicativos e afetivos, não se pode afirmar que estas crianças não foram capazes de apresentar a conexão afetiva com o outro. Foi possível perceber diferenças qualitativas entre a forma como as crianças típicas estabeleceram a conexão afetiva com a terapeuta da forma como as crianças autistas se conectaram.

No entanto, a análise qualitativa revelou que crianças autistas apresentaram padrões de regulação mútua e sintonia afetiva com o outro. A maneira e a qualidade da conexão afetiva estabelecida entre as crianças autistas e a terapeuta ocorreu de forma distinta quando comparadas com as crianças de desenvolvimento típico.

Contudo, esta pesquisa buscou abrir novos caminhos para se pensar sobre os processos de intervenção precoce rumo ao desenvolvimento da capacidade simbólica das crianças diagnosticadas com TEA. Um exemplo disto foi a inclusão da cena B5 dentre as situações de filmagem. Isto porque, espontaneamente, situações diádicas entre a terapeuta e An foram acontecendo ao longo das filmagens. Foi observado que durante estas situações diádicas, o interesse da criança em participar das interações face-a-face com a terapeuta era maior do que durante as outras situações propostas.

Portanto, as situações utilizadas para a observação das categorias de análise, possivelmente, abriram novos espaços para a intervenção e investigação clínica. Pode ser que a porta de entrada para uma intervenção que vise o desenvolvimento da capacidade simbólica seja começar desde o começo. Por que não seguir o processo típico do desenvolvimento no tratamento clínico das

crianças autistas que apresentam um desvio no processo intersubjetivo? Talvez seja viável a tentativa de estabelecer a conexão afetiva do terapeuta com a criança autista para que se possa passar pelos processos intersubjetivos que levam ao símbolo.

Contudo, para que uma intervenção obtenha resultados satisfatórios no desenvolvimento de uma criança com autismo é fundamental que, antes de iniciá-la, sejam realizadas avaliações específicas que possam delinear o grau de severidade e as áreas a serem trabalhadas. Isto é de fundamental importância uma vez que o autismo é uma síndrome muito heterogênea e cada criança manifesta dificuldades distintas. Como no caso de An e de F, as duas crianças autistas que participaram desta pesquisa, foi observado diferenças significativas nos comportamentos comunicativos e afetivos. Para facilitar a compreensão das diferenças no desenvolvimento destas crianças, o ideal seria a aplicação de instrumentos de avaliação específicos para indivíduos com autismo.

Um dos instrumentos de diagnóstico do autismo é o *Autism Diagnostic Interview- Revised (ADI-R)*, traduzido como *Entrevista diagnóstica do autismo - Revisada*. Lord, Rutter, & LeCouteur (1994), desenvolveram este instrumento de diagnóstico clínico para avaliar crianças e adultos com autismo. A avaliação é feita a partir de 93 perguntas direcionadas aos pais das crianças autistas, sendo elas subdivididas nos comportamentos das três principais áreas: qualidade da interação social recíproca, comunicação e linguagem e, comportamentos e interesses restritos e repetitivos. Assim, a classificação do autismo é dada quando os escores das três áreas encontram ou ultrapassam algoritmo específico.

Além do ADI-R, também foi desenvolvido o *Autism Diagnostic Observation Schedule (ADOS)*, traduzido como *Sistema diagnóstico de observação do autismo*. Elaborado por Lord, Rutter, Goode, Heemsberger, Jordan, Mawhood & Scholder (1989), este instrumento consiste em uma avaliação semi-estruturada dos aspectos da comunicação, da interação social e, do jogo simbólico. São aplicadas algumas atividades padronizadas que permitem o examinador observar a manifestação ou a não-manifestação de comportamentos que são identificados como marcadores da síndrome do autismo ou de outro transtorno invasivo do desenvolvimento. Como o foco é observar o

comportamento social, as situações são padronizadas de maneira a criar um contexto ideal para que os comportamentos possam se manifestar.

A dificuldade na aplicação destes instrumentos pode ser entendida uma vez que há uma demanda de tempo no processo avaliativo, além da necessidade de profissionais treinados para aplicá-los. No Brasil, ainda não há validação destes instrumentos e não é possível receber o treinamento exigido, o que dificulta ainda mais a sua utilização.

No entanto, profissionais que buscam qualidade no processo de intervenção clínica e no conhecimento teórico poderiam se esforçar para que estes instrumentos fizessem parte da rotina da avaliação clínica das crianças com suspeita de transtorno autístico.